

Documentação

SOCIOAMBIENTAL

Fonte CB (Tema do dia)

Data 13/8/2001 Pg 6

Class. 09

Luta para salvar o que resta da caatinga

Cristina Ávila
Da equipe do Correio

A vegetação nativa do semi-árido nordestino, a caatinga, está sendo consumida em fogões domésticos e por indústrias de fundo de quintal. Cerca de 60% das cozinhas da Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Ceará usam lenha para cozer alimentos. Com o pagamento pingado do dia trabalhado, o peão não compra um botijão de gás; mas leva para casa uma lata de carvão. Nos quatro estados, cinco milhões de metros cúbicos de caatinga são transformados em cinza todos os anos. Isso representa 500 mil hectares de matas ou a superfície de 606 mil campos de futebol. Entretanto, os vaqueiros que sobrevivem da lida do campo estão descobrindo o desenvolvimento

sustentável — palavra politicamente correta que significa comida na panela e natureza protegida.

A caatinga abrange 18% do território nacional, 340 mil quilômetros quadrados, do norte de Minas Gerais ao Piauí, em cerca de 40% do território semi-árido. As árvores baixinhas e espinhentas caíram à metade desde o descobrimento do Brasil. Na Paraíba, onde existem os piores problemas de desmatamento, esse índice caiu para 33%.

Entre o que sobrou da caatinga está o Seridó, um conjunto de seis municípios desertificados, 2.341 km² de pedras e uma mata rala de caatinga, no Rio Grande do Norte. A floresta foi danificada e os solos se exauriram em 400 anos de exploração agropecuária e mineração descontrolada de

“SE A GENTE PERDER O QUE RESTA DA CAATINGA, A ÚNICA SAÍDA SERÁ O POVO MIGRAR”

ALCIDES CARNEIRO DE MORAIS

Presidente da Associação do Riacho Salgado da região do Seridó (RN)

pedras preciosas, ouro, ferro e xelita (minério original do tungstênio, usado em equipamentos bélicos e resistências elétricas). Do lugar ainda sai muita argila e lenha para alimentar um dos maiores pólos cerâmicos do Nordeste. Esse pólo é formado por micro e

pequenas fábricas que empregam entre 30 e 40 operários; somadas oferecem cinco mil empregos diretos, 30 mil indiretos. Com a continuidade dos desmatamentos e da extração exagerada de argila, Seridó estaria condenado a não ter mais nenhuma fonte de renda.

O povo resolveu reagir. Tudo começou em 1994. “Os projetos de desenvolvimento sustentável nasceram das idéias dos pequenos, dos analfabetos da mata, convocados pela igreja católica e pelo sindicato dos trabalhadores rurais para discutir problemas da comunidade”, conta o agricultor Alcides Carneiro de Moraes, 22 anos, presidente da Associação do Riacho Salgado, de um lugarejo com menos de cinco mil habitantes chamado São João do Sabugi, na região do Seridó, a 334

km de Natal. A partir das necessidades, começaram a ser discutidas alternativas. No Seridó vivem 244 mil pessoas. Organizadas em 400 associações comunitárias. De todos os tipos, desde sindicatos a grupos de igreja.

O primeiro resultado das reuniões foi a eletrificação rural, para a irrigação da agropecuária de subsistência. E depois foram construídas cisternas que juntam água da chuva que cai no telhado de casa, fábricas de bonés, de queijo coalho que a população de Natal consome. Tudo isso como alternativa, para evitar o trabalho que causa danos ambientais.

“Nós vivemos numa região seca, o rio Sabugi já foi aterrado porque derrubaram a mata das margens, se a gente perder o que resta da caatinga, a única saída será o povo migrar”, diz Alcides.

